

MARIA

Henrique Magalhães

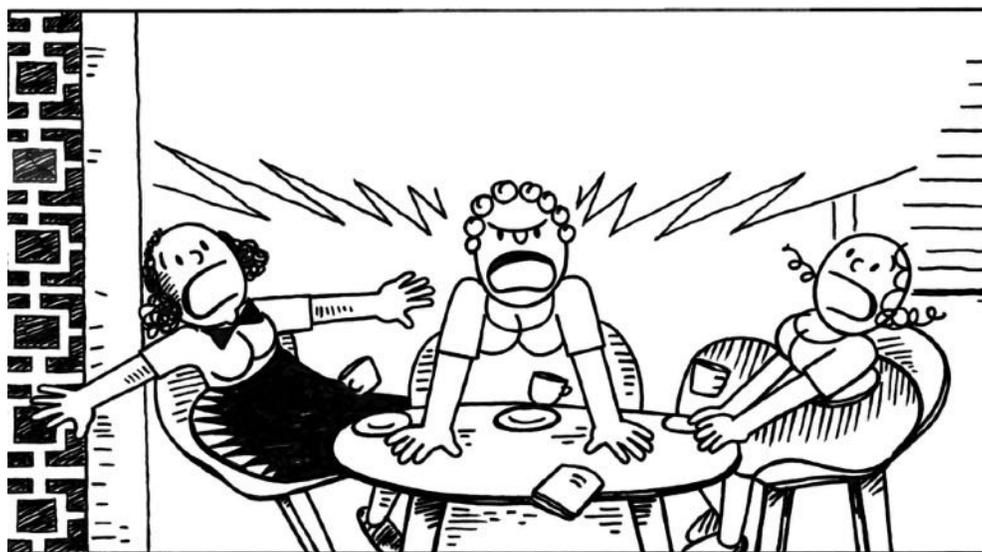
A VIDA EM TURBILHÃO



Henrique Magalhães

MARIA

A VIDA EM TURBILHÃO



Marca de Fantasia
Paraíba - 2020

MARIA

A vida em turbilhão

Henrique Magalhães

Série Repertório, 32 - 2020



Marca de Fantasia

Rua Maria Elizabeth, 87, apt. 407

João Pessoa, Paraíba. Brasil. 58045-180

A editora Marca de Fantasia é uma atividade da Associação Marca de Fantasia e do NAMID - Núcleo de Artes e Mídias Digitais do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB.

Editor/Designer: Henrique Magalhães

Conselho editorial

Adriana Amaral - Unisinos/RS; Adriano de León - UFPB; Alberto Pessoa - UFPB;
Edgar Franco - UFG; Edgard Guimarães - ITA/SP; Gazy Andraus - UFG;
Heraldo Aparecido Silva - UFPI; José Domingos - UEPB; Marcelo Bolshaw -
UFRN; Marcos Nicolau - UFPB; Marina Magalhães - UFCG; Nilton Milanez -
UESB; Paulo Ramos - UNIFESP; Roberto Elísio dos Santos - USCS/SP; Waldomiro
Vergueiro, USP; Wellington Pereira, UFPB.

Capa: H. Magalhães

ISBN 978-65-86031-041

Sumário

Prefácio:

Maria, a dama da subversão - 5

Alberto Ricardo Pessoa

Vida banal - 29



Vamos à luta - 8



Vivendo no limite - 50

Maria em profusão - 72

H. Magalhães

Maria, a dama da subversão

Alberto Ricardo Pessoa

Henrique Magalhães é o maior cronista contemporâneo vivo do cotidiano paraibano. Do ponto de vista de alguém fora do eixo das megalópoles, temas universais são debatidos por esse autor por meio de sua persona *Maria*.

As marcas de suas crônicas podem ser lidas em *A vida em turbilhão*, que aponta a construção do discurso político-social dos quadrinhos de Henrique Magalhães, com ênfase no período da sucessão eleitoral de 2018.

Ser um cronista dos quadrinhos não é uma decisão fácil. Em uma sociedade que encara as histórias em quadrinhos como uma mídia voltada para a criança, é muito fácil o autor ser subestimado e ser publicado em páginas complementares de um jornal, como podemos ver com Angeli, o qual, após anos publicando diariamente, alegou perda de criatividade e acabou por deixar de realizar as tiras da *Folha de S.Paulo*.

Mas depois nós falamos sobre Angeli. Agora voltemos a Henrique.

A justificativa da leitura de *A vida em turbilhão* reside na importância de considerar as histórias em quadrinhos como um meio de registro e compreensão da história contemporânea de nossa sociedade, como

meio de expressão de resistência do autor e uma forma criativa da cartografia histórica por meio de um viés crítico e de contestação.

Nesse escopo, o nosso cronista versa acerca de diversos temas, dos quais destaco a homenagem a Mariele Franco; o jogo de palavras que a língua portuguesa permite, ao relacionar realidade líquida com o desastre da barragem de Brumadinho; a persona sociológica ao discutir temas como pós-verdade e ideologia de gênero.

Nem tudo nas crônicas de Henrique são espinhos. As lembranças do *Cafuçú* e do nosso pequeno, mas afetuoso, carnaval paraibano, estão inseridas nas marcas de discurso nas reflexões acerca dessa festa que foi reconfigurada e tirada de seu contexto pelo eixo Rio-São Paulo.

Seu espírito feminista, diferente de feminino, se mostra na persona de *Maria* e suas amigas ao se posicionarem contra o governo vigente.

Importante destacar esse ponto: Henrique não se posiciona contra o Brasil ou é um autor ideológico que acredita que quanto pior o Brasil, melhor. É simplesmente impossível para um cronista que acredita na construção social de gênero, no fim das idolatrias e da corrupção e na educação como meio de estabelecimento de relações humanas ser a favor de um governo que acredita exatamente no oposto.

Henrique questiona a si mesmo, ao oferecer um diálogo entre *Maria* de 2020 e sua versão mais jovem de 1982. De todas as tiras, a que mais me emocionou e que me lembrou meu irmão, homossexual, que descobriu a sua sexualidade num período que AIDS era propagada como “câncer gay” pela grande mídia. É uma tirinha que representa uma vitória para toda uma geração. Obrigado Henrique por lembrar de pessoas como meu irmão.

Como todos sabemos, Henrique e *Maria* são ateus, mas acreditam que o Natal deve ser celebrado em seu real significado. Tanto Henrique como *Maria* criticam a tecnologia e sua alienação. Ambos são reclamações natos, mas numa deliciosa fórmula de humor e ironia.

Em tempo: voltemos a Angeli.

Henrique e Angeli são contemporâneos, mas enquanto um apresentou uma estafa criativa, o outro se mantém cada vez mais afiado, tanto no discurso verbal como no não verbal. Creio que uma resposta pode ser encontrada na tirinha “Indignação”, na qual Henrique editor, professor universitário, se apresenta, acima de tudo isso, como um fanzineiro.

Anos atrás Angeli ironizou a questão do fanzine com as tirinhas do *Comando Revolucionário Kurt Cobain*, nas quais garotos revoltosos com o sistema decidem conscientizar o mundo com fanzines, dando a entender para o seu leitor que fanzine é uma grande bobagem. Importante destacar que toda sua publicação foi em um jornal dedicado à comunicação de massa e dito isso, o seu discurso underground merece ressaltar.

Assim penso que o espírito fanzineiro, punk, do faça você mesmo de Henrique encarnado em *Maria* é o que preserva sua criatividade e genialidade.

O autor se mantém contemporâneo e em rota de colisão não só em relação ao atual governo, mas até mesmo ao momento de diversos autores de quadrinhos brasileiros contemporâneos, que em nome de espaço para publicação e espaço midiático, optam por realizar obras apáticas e inócuas de discurso social e político.

Vamos à luta



POLITICAMENTE INCORRETO

TUDO POPULISTA ESCOLHE LOGO UM BODE EXPIATÓRIO.

OU VÁRIOS! AS FEMINISTAS, OS HOMOSSEXUAIS, OS NEGROS...

"VAMOS ACABAR COM O POLITICAMENTE CORRETO" ...

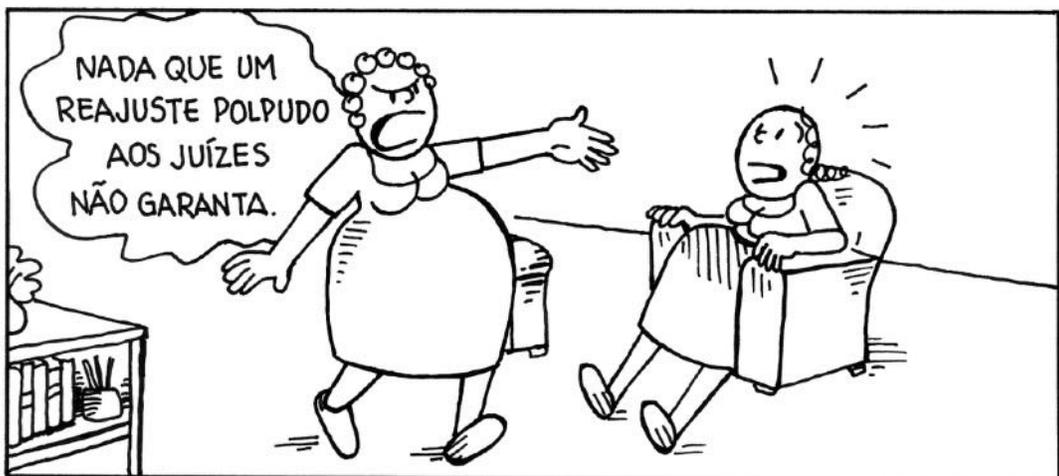
ELES DIZEM!

O QUE QUEREM? O "POLITICAMENTE INCORRETO"?

COMO É QUE É?

VÃO LIBERAR A CORRUPÇÃO?







MENOS É MAIS

VIVEMOS A ERA DA RELATIVIDADE.

HÁ COISAS QUE SÃO ABSOLUTAS.

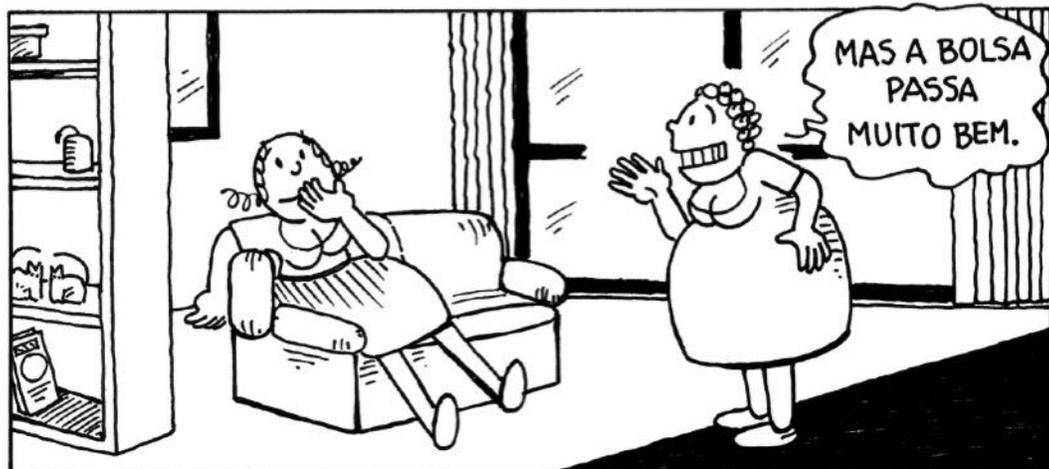
A REALIDADE É LÍQUIDA... ADAPTA-SE AO PONTO DE VISTA.

O ROMPIMENTO DE UMA BARRAGEM É UMA VERDADE INSOFISMÁVEL.

JÁ A RESPONSABILIDADE DEPENDE DE "MEIAS-VERDADES".

AH! TÁ! DAS VELHAS "MENTIRAS DISSIMULADAS".

HM. 2019-6

















AS CORES DO SEXO

NÃO GOSTO DA HISTERIA FEMINISTA!

LEVANTAR BANDEIRAS, IGUALDADE COM OS HOMENS...



COMIGO MENINO VESTE AZUL...

MENINA VESTE ROSA!



POR ISSO NÃO SOU FEMINISTA... SOU FEMININA!



TODAS NASCEM FEMININAS, SÃO FÊMEAS...

MUITAS SE TORNAM MULHER!











Vida banal





MITOLOGIA

A MULHER
NÃO VALE
NADA MESMO
NESSE GOVERNO!

HM-2019-22











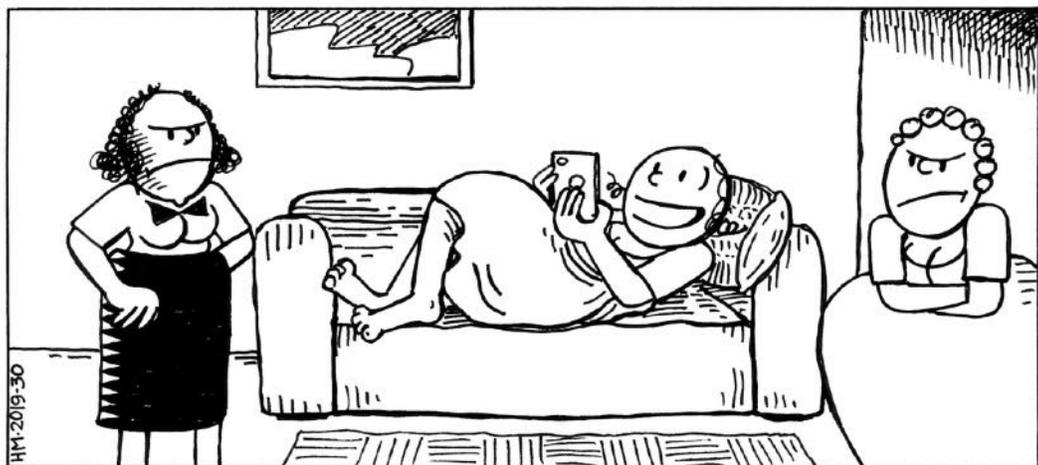
SEM NOÇÃO



NM-2019-27







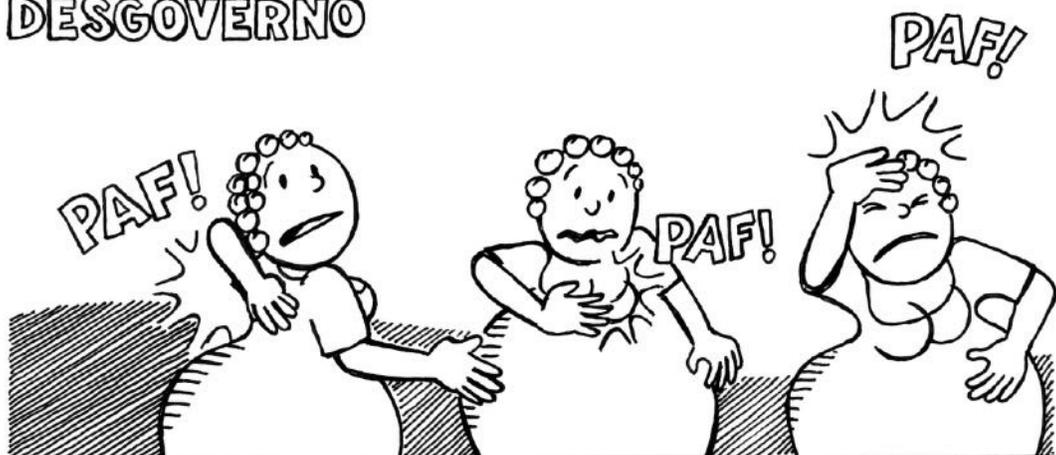
ENGRUZILHADA







DESGOVERNO



HM - 2019 - 34







H1 - 2018 - 37



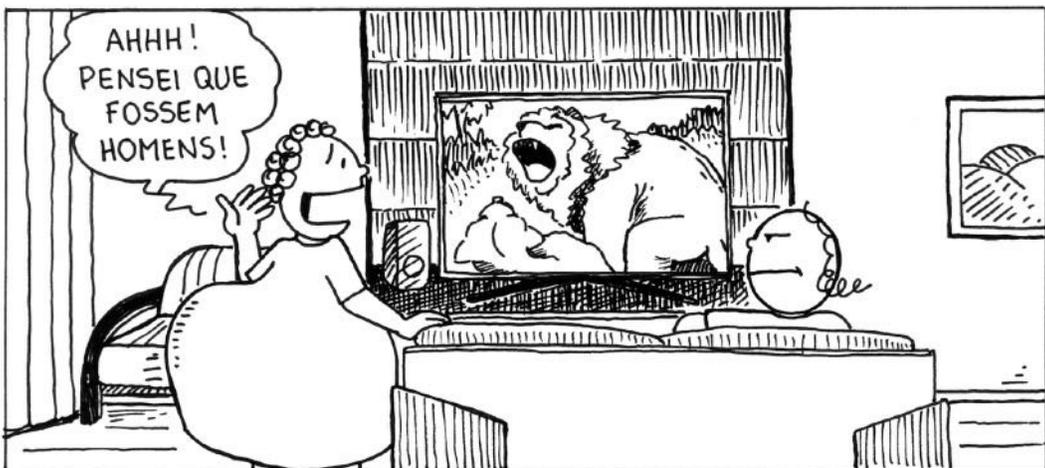




Vivendo no limite







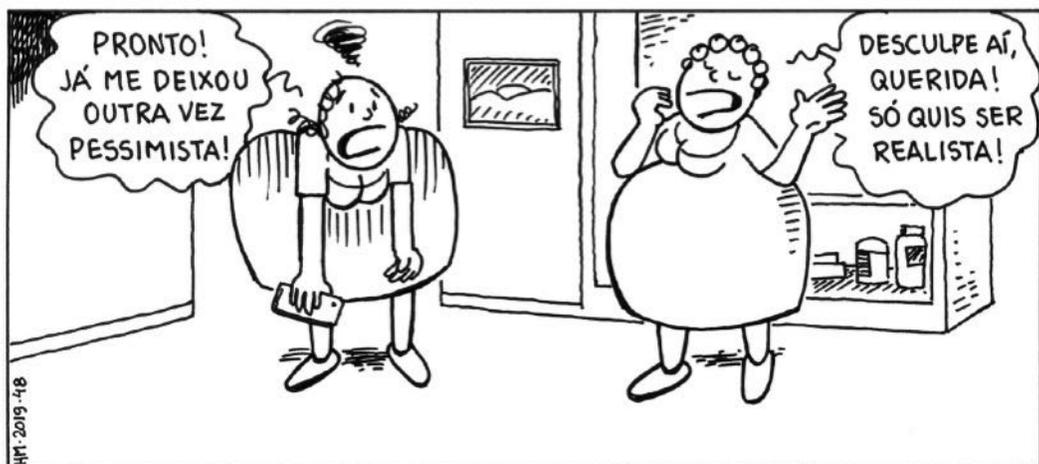


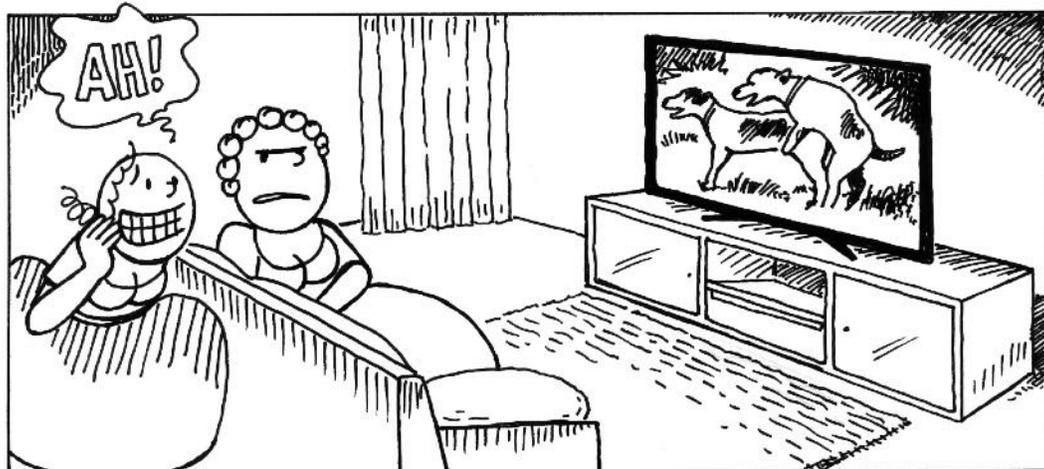


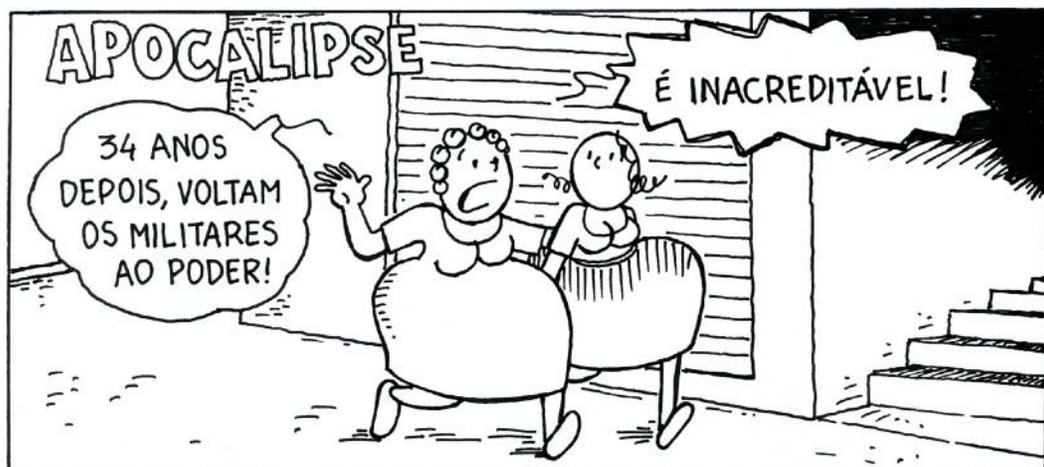


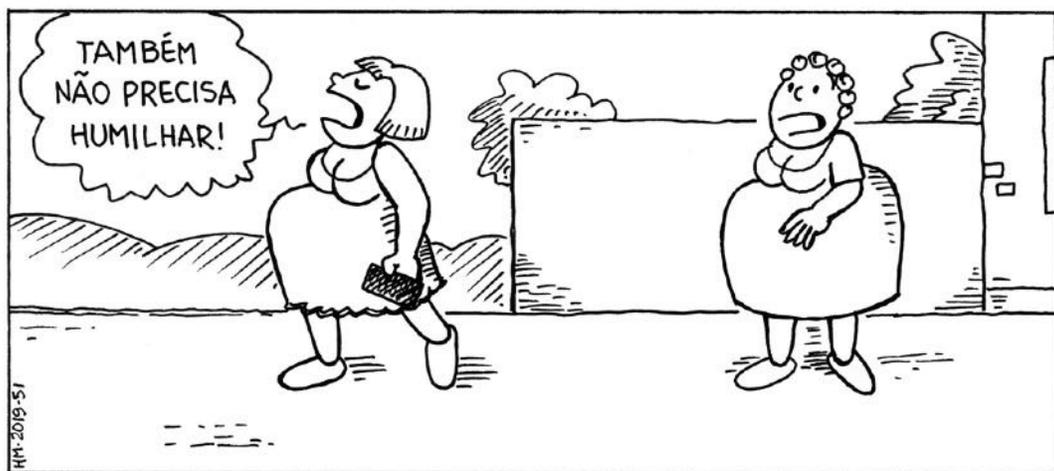
















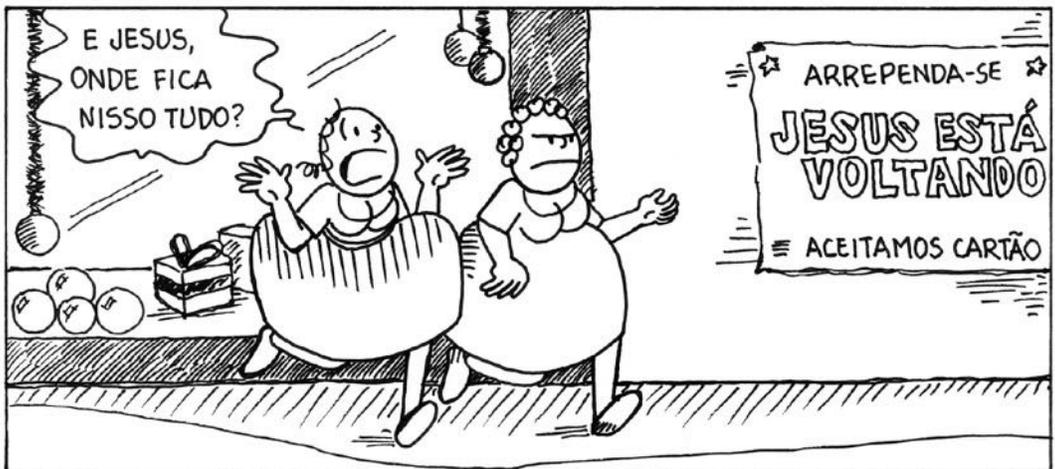




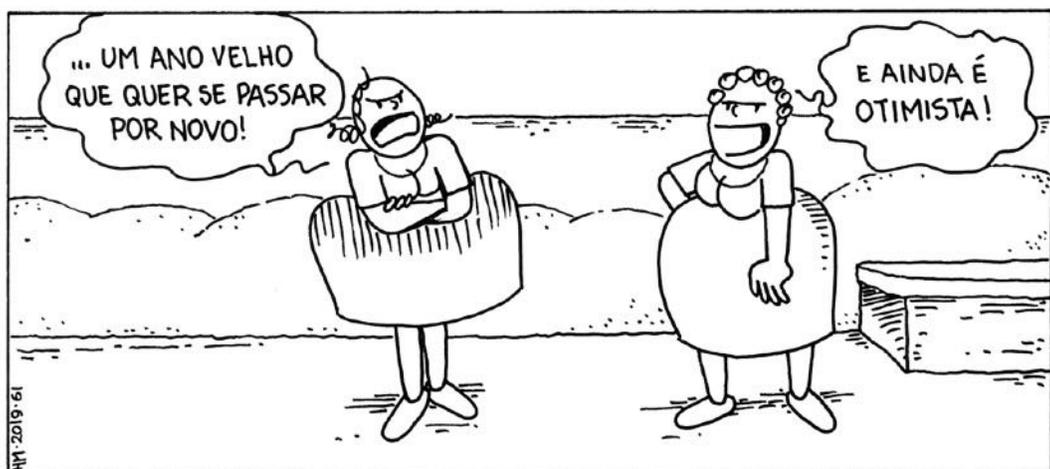
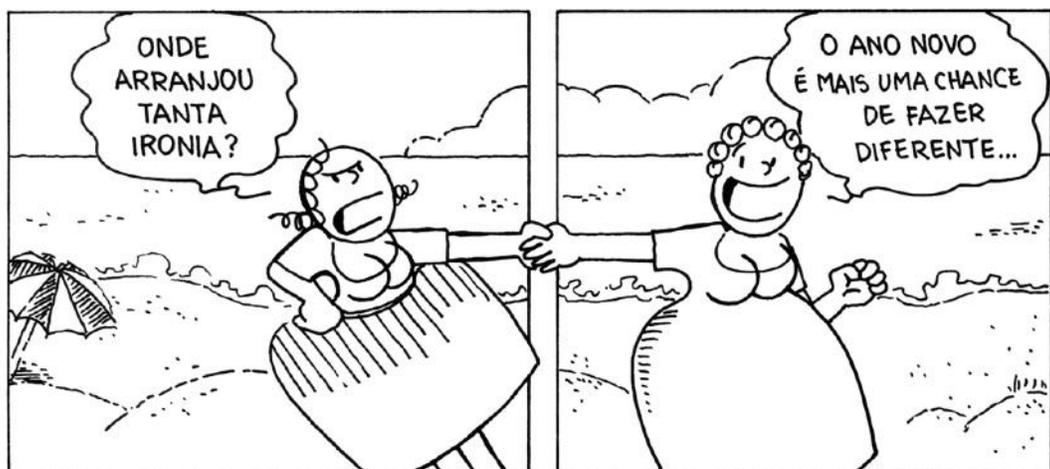












Maria em profusão

Desde o surgimento, em 1975, *Maria* passou a figurar nas páginas dos jornais ora como notícia sobre sua criação, ora como registro do lançamento de suas revistas independentes. *Maria* também ocupou um espaço cativo na página de entretenimento dos cadernos de cultura dos jornais, o que a levou a alcançar um grande público e se tornar emblemática na luta pela redemocratização do país.

Como tira diária, *Maria* foi publicada no jornal paraibano *O Norte* entre março e novembro de 1977; em *A União*, também paraibano, entre abril de 1979 e janeiro de 1980 e entre setembro de 1983 e dezembro de 1984. Saiu no *Correio de Pernambuco* em junho de 1980.

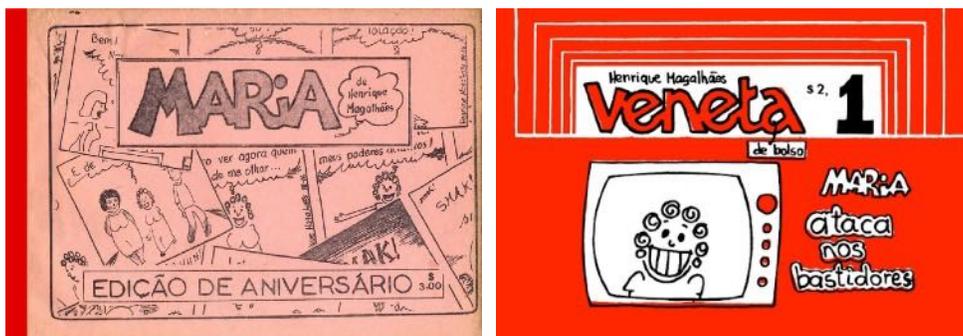
Entre agosto de 1988 e março de 1989, e julho de 1995 a fevereiro de 1998, com o título de *Rendez-vous*, por incluir outros personagens, *Maria* voltou a circular no jornal *O Norte*. Este foi o último período de publicação diária em tira, que marcou o fim do interesse da imprensa paraibana pela veiculação de quadrinhos.

A década de 1990 ainda teve a internacionalização de *Maria*, com a publicação no semanário português *Algarve Região*, da cidade de



Tira de *Maria* do início de sua produção

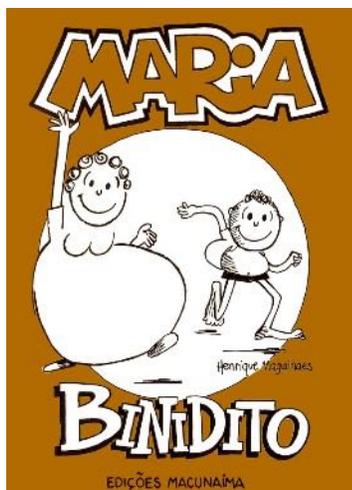
Faro, entre maio e novembro de 1995. À imprensa paraibana, *Maria* voltaria apenas em junho de 2012, sendo veiculada até janeiro de 2014 no jornal *A União*, mas não como tira diária. Em sistema de revezamento com outros personagens de autores paraibanos, *Maria* foi publicada duas vezes por semana.



Primeiras revistas a reunir as tiras de *Maria*

Essa história intermitente seria pontuada pela publicação de revistas e álbuns, sempre como autoedição e independentes. Em julho de 1976 saiu *Maria: edição de aniversário*, comemorativa de um ano de criação numa brochura impressa em mimeógrafo eletrônico, bem no estilo artesanal; em abril de 1977 saiu *Veneta* n. 1, que traz *Maria* na capa. Esta era uma pequena brochura em offset que remetia aos folhetos de cordel.

A partir de maio de 1978 tem início a primeira série de revistas *Maria*, que chegou a dez edições em maio de 1983. Eram revistas com 20 a 32 páginas, ora no sentido horizontal, ora no vertical, que traziam histórias inéditas mais as tiras publicadas nos jornais. Fechando esta fase temos o álbum *A maior das subversões*, lançado em 1984 e que marca uma inflexão na história da personagem.

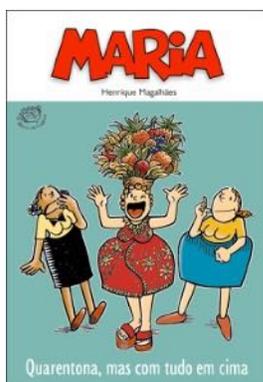
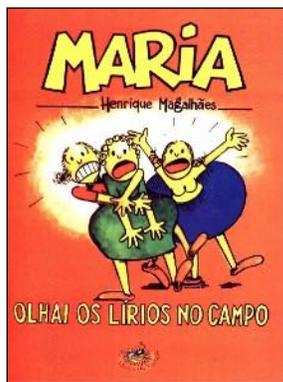


Primeira série de revistas *Maria*, de 1978 a 1983, que culminou com o álbum *A maior das subversões*, de 1984

Em 1998 *Maria* volta com o álbum *Olhai os lírios no campo*, com a compilação de tiras de sua última fase de publicação diária. Este traba-

lho teve o apoio da Lei de Incentivo à Cultura do município, bem como da escola de línguas Yázigi. Outros álbuns viriam em datas comemorativas. Em 2005 saiu *Espirituosa há 30 anos*; em 2015, *Quarentona, mas com tudo em cima*. Esse ano *Maria* alcançou um feito extraordinário: foi publicado em Portugal pela editora Polvo o álbum *Seu nome próprio... Maria! Seu apelido, Lisboa!*, edição que ganhou o prêmio de melhor álbum de humor no Festival Internacional de BD de Amadora, em 2016. Em 2017 *Maria* volta a sair em Portugal pela Polvo com o título *A maior das subversões*.

Há ainda a nova série da revista, agora intitulada *Maria Magazine*, que começou em 2000 e está no número 10, de 2018. Nesta, *Maria* divide espaço com outros personagens, com ênfase nos quadinhos paraibanos.

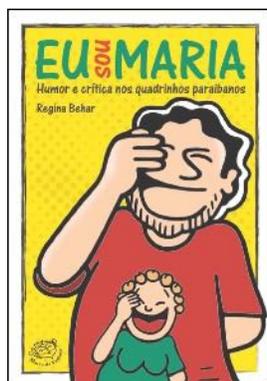


Acima, álbuns de *Maria* lançados pela Marca de Fantasia. Ao lado, as edições portuguesas, pela editora Polvo



A repercussão de *Maria* foi além do público afetoso que conquistou ao longo dos anos, a Academia também lhe deu atenção privilegiada. Em 2016 lançou-se pela editora Marca de Fantasia o livro *Eu sou Maria: humor e crítica nos quadrinhos paraibanos*, da professora do Departamento de História da UFPB Regina Behar. A obra é fruto de seu Pós-Doutorado realizado no Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicações e Artes da USP, São Paulo.

Outro estudo foi realizado pela professora Nadja Carvalho, do Departamento de Mídias Digitais da UFPB. Trata-se do ensaio *Maria strip... arrepiando na saia*, lançado também em 2016 pela Marca de Fantasia. Nadja investiga a formação psicológica da personagem pelo viés da sexualidade.



A nova revista *Maria Magazine* e os livros acadêmicos sobre a personagem

Em paralelo à pesquisa do Pós-Doutorado, Regina Behar, juntamente com Matheus Andrade realizaram o vídeo-documentário *Eu sou Maria*, com o autor da personagem. Outro vídeo-documentário foi produzido como TCC dos alunos Karla Karini (direção) e Adelcídio Soares (edição). O vídeo *Maria por Marias* foi realizado em 2017 no Curso de Comunicação e Mídias Digitais da Universidade Federal da Paraíba.

Maria sempre na luta

Trajetória marcada pela contestação aos desmandos do poder e pela crítica insolente às idiossincrasias, *Maria* mantém-se sempre atual, inspirada no cotidiano. Em meio ao turbilhão provocado pela internet nos últimos anos, *Maria* não poderia deixar de botar o bedelho na efervescência política que assolou a todos. A campanha eleitoral para presidente em 2018 foi um momento-chave do confronto ideológico entre forças reacionárias, demagógicas e obscuras contra uma porção de racionalidade que persiste na sociedade.

Inconformada com os rumos do abismo em que nos jogavam, *Maria* circulou como volante diário pelo WhatsApp no período entre o primeiro e segundo turnos da eleição presidencial. Esse material foi compilado na revista *Maria Magazine* n. 10, de 2018, que se encontra disponível em versão digital no sítio da editora Marca de Fantasia (www.marcadefantasia.com).



Volante de *Maria* na campanha presidencial de 2018

Consolidada a situação adversa, *Maria* voltou a ser produzida em 2019, agora como página semanal para circular por listas de contatos do WhatsApp e outros compartilhamentos. Num compromisso pessoal, *Maria* foi lançada regularmente todos os domingos do ano, por vezes mais de uma página por semana. A interação com seu público, formado por muitos antigos leitores, mas também muitos novos, que viram em *Maria* algo como uma porta-voz, contou com a participação entusiasta nessa jornada interagindo com comentários e até sugestões de temas a serem abordados.

O trabalho foi exaustivo. As tiras ficaram pequenas para *Maria*, a página tornou-se o espaço adequado. Havia muito o que dizer, o desenho requeria mais elaboração, com cenários e refinamento no traço das personagens. Essa exigência pessoal levou o autor à exaustão.

Em muitos momentos, *Maria* revoltou-se com as pautas incontornáveis da política nacional, que a fazia sofrer com as arbitrariedades do poder. Agora *Maria* parou. Talvez esteja dando só um tempo.

Seu testemunho sobre esse momento crítico expõe-se como ferida aberta neste álbum. Ao mesmo tempo em que sente que cumpriu um papel de reflexão nesses tempos conturbados, sente que seu empenho pode ter sido irrisório em meio a esse pandemônio. Nada é definitivo. Como diria Cazuza, ainda estão rolando os dados.

Henrique Magalhães

Em abril de 2020



Henrique Magalhães

Natural da Paraíba, nasceu em 1957. Em 1975 criou a personagem de história em quadrinhos *Maria*, que foi publicada em tiras em jornais, revistas e álbuns. É professor aposentado pela Universidade Federal da Paraíba, onde lecionou nos cursos de Comunicação Social, Comunicação em Mídias Digitais e no Mestrado em Comunicação. Dirige a editora independente Marca de Fantasia, dedicada aos quadrinhos e estudos sobre artes gráficas e visuais.

São de sua autoria os livros *O que é fanzine*, (1993) pela editora Brasiliense; *O rebuliço apaixonante dos fanzines* (2003), *A nova onda dos fanzines* (2004), *A mutação radical dos fanzines* (2005), *Humor em pílulas: a força criativa das tiras brasileiras* (2006), e *Pedras no charco: resistência e perspectivas dos fanzines* (2018), pela Marca de Fantasia. Em 2019 aventurou-se na literatura com o livro de contos *Cercas que separam quintais*.

A vida em turbilhão traz um ano de produção de páginas semanais de *Maria* refletindo o cotidiano político e social de um país que teima em andar para trás. A indignação perpassa todas as páginas, mas sempre com um tom crítico e bem-humorado

